

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS-UEA
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE TEFÉ-CEST
POLIANA DE ALMEIDA BRUNO

**VIOLÊNCIA: FATOR NEGATIVO QUE INTERFERE NO ENSINO-
APRENDIZAGEM NO 8º ANO EM UMA ESCOLA ESTADUAL DE TEFÉ-AM**

TEFÉ/AM
2020

POLIANA DE ALMEIDA BRUNO

**VIOLÊNCIA: FATOR NEGATIVO QUE INTERFERE NO ENSINO-
APRENDIZAGEM NO 8º ANO EM UMA ESCOLA ESTADUAL DE TEFÉ-AM**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade do Estado do Amazonas - UEA, como requisito para obtenção do grau de Licenciada em Letras – Língua Portuguesa, no Centro de Estudos Superiores de Tefé – CEST, sob a orientação da Profa. Msc. Rosineide Rodrigues Monteiro.

TEFÉ /AM
2020

POLIANA DE ALMEIDA BRUNO

VIOLÊNCIA: FATOR NEGATIVO QUE INTERFERE NO ENSINO-APRENDIZAGEM
NO 8º ANO EM UMA ESCOLA ESTADUAL DE TEFÉ-AM

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, apresentado ao curso de Letras, da Universidade do Estado do Amazonas – UEA, Centro de Estudos Superiores de Tefé - CEST como requisito final para obtenção do grau de Licenciada em Letras.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Msc. Denir Silva de Souza - CEST-UEA

Prof.^a Msc. Rosineide Rodrigues Monteiro - CEST-UEA

Prof.^a Msc. Teresinha de Jesus de Sousa Costa - CEST-UEA

Nota: _____

Tefé, 10 de novembro de 2020.

VIOLÊNCIA: FATOR NEGATIVO QUE INTERFERE NO ENSINO- APRENDIZAGEM NO 8º ANO EM UMA ESCOLA ESTADUAL DE TEFÉ-AM

Poliana de Almeida Bruno¹ - UEA
Rosineide Rodrigues Monteiro² - UEA

RESUMO

A violência como fator que interfere no ensino-aprendizagem é uma temática de muita complexidade, pois se não for combatida, causará danos irreversíveis aos que já sofreram e sofrerão com essa espécie de mal, que permeia a maioria das escolas, todavia, existem políticas públicas voltadas para essa finalidade almejando combatê-la. Essa discussão também é fruto de uma pesquisa de campo que pretende refletir acerca dos múltiplos aspectos relacionados à violência, no contexto escolar, e nas ações das políticas públicas que abordam esse fenômeno visando minimizá-lo. O levantamento bibliográfico fundamentou-se em Cortella (2017), Libâneo (2012), Acúrcio (2002), PCN's (2000) e LDB (2018), dentre outros. A metodologia norteou-se em Chizzotti (2010), Lakatos e Marconi (2010), Figueiredo (2008) e Prestes (2019), que serviram para embasar a pesquisa de campo e as técnicas e métodos do trabalho de investigação. A amostra constituiu-se por 08 alunos de ambos os sexos e 01 docente formada na área de língua portuguesa. Os dados coletados foram expostos de forma descritiva e interpretativa e através de gráficos. Os resultados apontam que na escola Estadual localizada em Tefé-AM existe tanto a violência micro e quanto a macro, o que causa dor e choro à alma de quem é insultado e acarreta prejuízos à moral dos discentes desrespeitados. Portanto, é nítido que a educação familiar adquiriu novos formatos, nada apreciáveis, quando isso se refere às atitudes impróprias praticadas pelos alunos, por isso é necessário a escola rever suas atividades pedagógicas e incrementar ao seu programa de ensino os temas transversais acerca da temática.

Palavras-chave: Violência escolar. Prejuízos. Ensino-aprendizagem.

¹ Acadêmica do curso de Letras, 8º Período, matutino, UEA/CEST. E-mail: polianadealmeidabruno@gmail.com

² Docente do curso de Letras do Centro de Estudos Superiores de Tefé (CEST) da Universidade do Estado Amazonas (UEA). Especialista em Didática do Ensino Superior pela FASE, no Espírito Santo. E-mail: rmonteiro@uea.edu.br

ABSTRACT / RESUME

Violence as a factor that interferes with teaching and learning is a very complex issue, because if it is not tackled, it will cause irreversible damage to those who have already suffered from this type of evil, which permeates most schools, however, there are public policies aimed at for that purpose aiming to fight it. This discussion is also the result of field research that aims to reflect on the multiple aspects related to violence, in the school context, and in the actions of public policies that address this phenomenon in order to minimize it. The bibliographic survey was based on Cortella (2017), Libâneo (2012), Acúrcio (2002), PCN's (2000) and LDB (2018), among others. The methodology was guided by Chizzotti (2010), Lakatos and Marconi (2010), Figueiredo (2008) and Prestes (2019), which served to support the field research and the techniques and methods of the research work. The sample consisted of 08 students of both sexes and 01 teacher trained in the Portuguese language area. The collected data were exposed in a descriptive and interpretative way and through graphics. The results show that in the State school located in Tefé-AM there is both micro and macro violence, which causes pain and crying to the soul of those who are insulted and causes damage to the morals of disrespected students. Therefore, it is clear that family education has acquired new formats, which are not appreciable, when it refers to inappropriate attitudes practiced by students, so it is necessary for the school to review its pedagogical activities and increase the transversal themes on the theme to its teaching program.

Keywords: Violence school. Prejudice. Teaching-learning.

INTRODUÇÃO

O trabalho intitulado Violência: fator negativo que interfere no ensino-aprendizagem no 8º ano em uma Escola Estadual de Tefé-AM é um tema que precisa ser refletido e abordado, no ambiente escolar, pois se não for combatido, pode causar danos irreversíveis aos que já sofreram e sofrerão com essa espécie de mal, todavia, existem as políticas públicas voltadas ao combate da violência que permeia o entorno da maioria das escolas, ocasionando prejuízos ao à aprendizagem.

O tema proposto surgiu a partir das experiências adquiridas durante o processo de atuação no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID, no período de abril de 2017 a fevereiro de 2018, no qual presenciamos uma cena constrangedora de desrespeito, isto é, uma aluna que se revoltou com a professora pelo simples fato de ela ter lhe pedido para que buscasse o livro em casa, agredindo-a verbalmente, e isso me tocou profundamente, por ser um tipo de violência que gera desentendimento.

O problema que elencamos para a pesquisa foi assim caracterizado: De que maneira a violência pode constituir-se como um fator negativo que interfere no ensino-aprendizagem no 8º ano em uma Escola Estadual de Tefé-AM?

Com o objetivo de contemplar o problema investigativo estabelecido organizamos as seguintes questões norteadoras: Quais os discursos teóricos que tratam sobre os tipos de violência existentes na escola? Quais são as causas que levam os jovens a praticar violência na escola? Qual é a função da família e da escola quando há relações conflituosas resultantes de agressões no ambiente escolar? De que maneira os conflitos resultantes de agressões podem interferir no processo de ensino-aprendizagem e nas relações humanísticas?

Na intenção de responder ao problema traçamos o seguinte objetivo geral: refletir acerca dos múltiplos aspectos relacionados à violência, no contexto escolar, e nas ações das políticas públicas que abordam esse fenômeno visando minimizá-lo.

Posteriormente, elaboramos os objetivos específicos: investigar quais os discursos teóricos que tratam sobre os tipos de violência existentes na escola; identificar as causas que levam os jovens a praticar violência na escola; explicar a função da família e da escola quando há relações conflituosas resultantes de agressões no ambiente escolar; evidenciar de que maneira os conflitos resultantes de agressões podem interferir no processo de ensino-aprendizagem e nas relações humanísticas.

Em razão disso, pretendemos trabalhar com este objeto de estudo por ser um tema de grande relevância social, já que não envolve somente a escola, mas também a família e outros contextos sociais. Neste caso, os enunciados manifestados grosseiramente por parte de discentes, podem causar mal-estar e interferir no processo de ensino-aprendizagem. E, ainda, o desrespeito e/ou expressões verbais negativas podem comprometer a relação dialética, que é imprescindível dentro e fora da sala de aula para que haja harmonia no ambiente escolar.

O referencial teórico embasou-se à luz de Abramovay (2015), Cortella (2017), Acúrcio (2002), LDB (2018), PCN's (2000), dentre outros. Tal revisão de literatura nos apresentou como resultados que na escola Estadual localizada em Tefé-AM existe tanto a violência micro e quanto a macro, o que causa dor e choro à alma de quem é insultado e acarreta prejuízos à moral dos discentes desrespeitados.

Além disso, a metodologia sustentou-se no levantamento bibliográfico construído a partir de leituras em artigos, livros e fichamentos analíticos das obras trabalhadas que possibilitaram a sustentação dos dados coletados com a utilização da técnica do questionário, tal como afirma Chizzotti (2010), quando diz que o questionário é importante para a obtenção de informações dos investigados sobre o assunto da pesquisa.

Ademais, nos utilizamos do método de abordagem indutivo, que baseado em Lakatos e Marconi (2010), descreve os detalhes de determinado fenômeno constatado, para depois inferir-se uma verdade geral, como também a abordagem quanti-qualitativa, que para

Figueiredo (2008) é o método que associa análise estatística à investigação dos significados das relações humanas. Além disso, adotamos a pesquisa de campo a partir da técnica da observação participante, pois como defende Prestes (2019), o pesquisador se incorpora ao grupo pesquisado presenciando fatos visando recolhê-los em seu contexto natural. Desse modo, através dessa observação, conhecemos os sujeitos investigados e aplicamos uma oficina pedagógica direcionada ao nosso objeto de estudos.

Portanto, ressaltamos que a educação familiar adquiriu novos formatos, nada apreciáveis, quando isso se refere às atitudes impróprias praticadas pelos alunos, por isso é necessário à escola rever suas atividades pedagógicas e incrementar ao seu programa de ensino os temas transversais referentes à temática.

1 UMA REFLEXÃO SOBRE VIOLÊNCIA NA ESCOLA PARA A NECESSIDADE DE POLÍTICAS PÚBLICAS DE APOIO À MINIMIZAÇÃO DESSE FENÔMENO

A violência é um tipo de comportamento que causa dano à outra pessoa, podendo causar tristeza, mágoa, dor e humilhação. Além disso, esta é um fator determinante para a geração de conflitos, sendo negativo por colocar em risco a integridade física ou verbal do ser humano. Segundo Blaya e Debarbieux (2019), ela é um ato entendido como discussões circunstanciais ocorridas na família, na escola e em outros locais.

Os mais variados tipos de violência existentes no ambiente escolar são caracterizados por incivildades, palavras grosseiras, falta de respeito, golpes, entre outras. Para o entendimento dessa problemática, Abramovay (2015) define violência como microviolências, podendo ser considerada como verbais, e “violência dura”, aquela mais grave praticada fisicamente, o que não deixa de ser uma macroviolência.

As microviolências são cada vez mais comuns na escola, como se fossem fatos normais que devem acontecer cotidianamente. Todavia, elas interferem no cotidiano escolar e causam transtornos como a repetência, evasão e o abandono escolar aos que são insultados e oprimidos pelos mais fortes cuja força é demonstrada por agressões verbais ou físicas.

Assim, muitas vezes, alunos se ofendem com palavrões, apelidos, difamação, ofensas. E conforme Abramovay (2015, p. 10), quando se fala sobre as múltiplas violências ocorridas no espaço escolar, “fala-se, principalmente, nas brigas aluno-aluno, entretanto, não se pode esquecer que os membros do corpo técnico-pedagógico dos estabelecimentos de ensino também são potenciais vítimas e às vezes agressores”. Nesse contexto, não é só o aluno

que é afetado, mas o professor também e vice-versa. Ambos, em determinados momentos, podem trocar agressões verbais e isso causa interferência nas boas relações.

Enquanto o termo “violência dura” “se refere a atos e episódios que podem resultar em danos irreparáveis aos indivíduos e, por isso, exigem a intervenção estatal” (ABRAMOVAY, 2015, p. 14). Ou seja, a “violência dura” faz menção a todas as ações mais graves de uma pessoa contra outra e resultam em danos físicos e morais à vítima, mas o Estado pode interferir quando a vítima não consegue resolver uma situação mais violenta.

Então, a violência é algo a se pensar, e diante dela temos que refletir, buscando alternativas que sejam cabíveis à sua amenização, de maneira que, segundo Pimenta (2006, p. 23) “só a reflexão não basta, é necessário que o professor seja capaz de tomar posições concretas para reduzir tais problemas”. No caso, em sala de aula, o docente pode contribuir conscientizando os educandos, por exemplo, através de conselhos e atividades reflexivas.

Seja como for, o fenômeno da violência escolar está presente, de forma direta ou indireta, na vida de todo e qualquer estudante. Isto nos causa indignação e total preocupação, pois “no Brasil, governantes e boa parte da mídia tentam a todo custo convencer a população brasileira e aos outros países que estamos na contramão da crise e que vivemos uma fase de paz e prosperidade” (SAVIANI, 2012, p. 01). Inadmissível pensar o Brasil como se os problemas estivessem sido supridos quando, na verdade, as crianças, jovens e adolescentes estão marcadas pelas influências negativas do mundo.

Por essa razão, Blaya e Debarbieux (2019), comentam sobre a importância do investimento na formação de professores qualificados como política pública de prevenção à violência. Alia-se a isto o investimento necessário para a promoção de um ambiente seguro no que tange o entorno da escola, tanto quanto à sua estrutura física; tornar normas e regras claras; estimular a relação escola-família-comunidade; valorizar os jovens; dentre muitas outras atitudes visando à prevenção e o combate da violência.

Portanto, embora os nossos representantes políticos e as mídias tentem evidenciar que tudo está sob a sintonia da paz e prosperidade, sabemos que a realidade com a qual nos deparamos, todos os dias, inclusive, nas escolas não é essa, pois a violência se faz presente em nosso meio, na vida dos jovens e adolescentes.

2 AS CAUSAS QUE LEVAM OS DISCENTES À PRÁTICA DA VIOLÊNCIA

As causas que conduzem os adolescentes a praticar violência dentro da escola são muitas e, geralmente, ocasionadas pelo constrangimento das ofensas sofridas, por serem estudantes negros, pobres, deficientes e identificados como homossexuais.

No Brasil, os apelidos atribuídos às pessoas identificadas como negras, por exemplo, tendem a ser diversos e ofendem. Conforme Abramovay (2015, p. 11), “a ofensa racial cria uma percepção de si mesmo, muitas vezes negativa, com profundos impactos nas opiniões que os jovens têm sobre si mesmo”. O racismo não é inofensivo, apesar de ser mascarado, podendo aparecer como brincadeira, por meio de apelidos ou de linguagem corporal que causa dor e sentimento de impotência.

Logo, as pessoas identificadas como negras, por serem vítimas de preconceito, sofrem *bullying* e, nesse caso, cometem agressões físicas ou verbais como um meio de autodefesa. No entanto, o que ofende, utilizando-se de “linguagem chula”, nem percebe que faz o outro sofrer e ter sentimento de revolta quando é machucado ou desdenhado.

Todas essas situações causam constrangimento, magoam, ferem a dignidade, a moral e geram baixa autoestima dos estudantes afetados pela homofobia, preconceito, racismo e *bullying*. Além disso, essa situação pode ter como consequência, constante troca de estudantes de sala, mudanças de escola, abandono e reprovações, com impacto direto ao fracasso escolar. Jovens e adolescentes ganham inúmeros apelidos na sala de aula e fora dela, principalmente, quando estão na hora da merenda e no pátio escolar (ABRAMOVAY, 2015).

Os apelidos usados, nas escolas brasileiras, para ofender o colega são muitos. Mas essa ação pode acontecer em qualquer lugar. Na hora do intervalo, por exemplo, o que deveria ser um momento de socialização, de integração harmoniosa, torna-se um momento de desprazer e sofrimento para alguns discentes constrangidos com tantos apelidos que ferem a alma e os deixam tristes.

Dessa maneira, segundo Acúrcio (2002, p. 219), “a falta de orientação dentro de casa, a desagregação familiar, o consumismo, etc., são fatores que, muitas vezes, levam o jovem a cometer infrações”. Nesse sentido, a violência é agravada pela falta de cuidados da própria sociedade em relação aos adolescentes.

Cortella (2017, p. 94) ressalta que “se uma criança estiver diante de um computador, de um celular, ainda que não exposta diretamente a uma situação real, estará sujeita a uma série de riscos”. Desse modo, as mídias tornam-se um perigo para as crianças e adolescentes, pois o seu acesso inadequado pode comprometer de forma negativa a saúde mental destes educandos.

Com isso, “nós vivemos vários lutos na vida, que não são apenas de pessoas. Vivemos falecimentos no dia a dia que são as perdas também relacionadas ao afeto, às condições econômicas, aos postos nas hierarquias” (CORTELLA, 2017, p. 41). À medida que

estes jovens vão tendo acesso aos programas, sites ou jogos que conduzem às ações de violências, eles acabam perdendo o respeito pelo outro e até pelos próprios pais.

Então, cabe aos pais ou responsáveis orientar os filhos em relação aos meios de comunicação social, para que seu uso não venha ser prejudicial aos nossos jovens e a outras pessoas envolvidas.

3 A FUNÇÃO DA FAMÍLIA E DA ESCOLA NAS RELAÇÕES CONFLITUOSAS RESULTANTES DE AGRESSÕES NO CONTEXTO ESCOLAR

A escola tem hoje uma função educativa mais ampla, cabendo-lhe complementar a ação da família. Isso ocorre porque, paralelamente as modificações na estrutura e na dinâmica familiar, as crianças e, sobretudo os jovens, estão cada vez mais fragilizados, expostos a uma gama crescente de perigos e influências negativas. Por esse motivo, a escola passa pela tentativa de torná-la um espaço mais atraente, acolhedor, agradável, estimulante e formador de opiniões e comportamentos.

Nesse sentido, no caso de haver relações conflituosas resultantes de violência no ambiente escolar, a família e a escola têm função importante, necessitando estar em sintonia. Conforme Acúrcio (2002, p. 240) “a escola não dá conta disso sozinha. Aqui, necessariamente, ela precisa da interação direta com as famílias e outras instâncias educadoras ou com profissionais ligados aos jovens”. A escola precisa do apoio da família para ajudar no bom desenvolvimento social e intelectual dos educandos, tornando-os cidadãos éticos.

Com isso, é importante ressaltar que o estudante se desenvolve a partir dos conhecimentos adquiridos na escola ou em outros ambientes institucionais, mas que a primeira educação vem de casa, pois segundo o Art. 1º da Lei de Diretrizes e Bases da educação nacional – LDB (2018, p. 08) “a educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais”. A escola e outras instituições têm grande importância na formação do educando, porém, a família é o ponto inicial para qualquer ação.

Contudo, a cooperatividade entre família e escola nem sempre acontece. Talvez uma boa explicação para a dificuldade resida no fato de as famílias terem apenas a visão dos filhos no ambiente doméstico. Não o conhecem como elemento de um grupo maior, como acontece no ambiente escolar. Conforme Acúrcio (2002), a atuação da escola é fundamental para que os pais passem a perceber os filhos não somente como seus filhos, mas como cidadãos.

A LDB por meio do 2º parágrafo do Art. 32 estabelece “o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores” (2018, p. 23). Os jovens e adolescentes devem ter a capacidade de aprender, mas também de respeitar.

Os alunos que têm suas vidas marcadas por bons ensinamentos no âmbito familiar, estes podem desenvolver boas atitudes seja em casa, na escola ou em qualquer lugar em que estiver. Libâneo (2012, p. 496) ressalta que “muitos aspectos do desenvolvimento moral e social dos alunos dependem da interiorização de normas e princípios, aprendidos socialmente, em contextos de interação social, sobre o que é, por exemplo, bom e mau, justo e injusto”. Todavia, alunos, por sua vez, pertencentes a grupos sociais em que a vida das pessoas e as atividades de trabalho, de lazer, ou atividades do cotidiano são atravessadas por conflitos e desavenças, têm menos oportunidades de refletir sobre essas boas atitudes.

Dessa forma, no caso de ocorrer a prática de violência, seja ela verbal ou física na escola, “cabe à escola e à estrutura familiar cuidar para não estigmatizar o autor como se ele fosse irrecuperável, como se estivesse com a marca de Caim pelo resto de sua história. Mas isso não significa deixá-lo impune” (CORTELLA, 2017, p. 89). Então, tanto a família quanto a instituição de ensino devem tratar isso com atenção e total cuidado, para que juntas possam encontrar uma solução viável sem causar constrangimento ou demonstrar rejeição.

Assim entendida, a família e a escola são de suma importância para o desenvolvimento e educação do estudante, principalmente a família, que pode discutir normas, tomar decisões internas, construir formas de autonomia, isso na base do diálogo. Diante disso, Cortella (2017, p. 52) exemplifica, dizendo:

Eu conheço várias famílias, inclusive filhos meus, que estão educando os filhos deles com essa ideia de “senta e pensa”. Há dois intuitos principais de fazê-los pensar: primeiro, sinalizar que atos têm consequências e, segundo, interromper essa comunicação contínua e impulsiva que impede a reflexão. O objetivo de criar essa pausa é cessar essa avalanche de estímulo contínuo, de maneira que a criança se acalme e possa trabalhar a percepção do que está acontecendo com ela.

Na tentativa de amenizar problemas conflituosos, muitos pais e/ou responsáveis fazem com que os filhos reconheçam o erro através da conversa e, muitas vezes deixando-os alguns minutos de castigo, sob a prática da reflexão.

Então, a família e a escola podem agir de forma a deixar claro que não pode ofender ou machucar o outro, pois somos imagem e semelhança de Deus, e segundo o seu mandamento, devemos amar o nosso próximo como a nós mesmos.

4 OS CONFLITOS RESULTANTES DE AGRESSÕES INTERFEREM NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM E NAS RELAÇÕES HUMANÍSTICAS

É preocupante a ocorrência de situações hostis, uma vez que os conflitos resultantes de agressões podem interferir no processo de ensino-aprendizagem e nas relações humanísticas. Isto significa que um apelido maldoso, por exemplo, pode fazer com que o educando desanime de vir para a escola ou de fazer suas atividades, pois muitas vezes as palavras agressivas mexem com o psicológico e autoestima do aluno.

A relação dialética entre os próprios educandos e professor-aluno pode ser marcada por conflitos, fazendo com que o laço de amizade e respeito que deveria existir seja suprido por relações conflituosas. Assim, os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN's (2000, p. 66) afirmam que “situações de aprendizagem programadas para produzir o fracasso, como acontece tantas vezes nas escolas brasileiras, são, neste sentido, profundamente antiéticas. Abalam a autoestima de seres que estão constituindo suas identidades”. Tais momentos conflituosos podem prejudicar a autoimagem de ambos os indivíduos, influenciando negativamente no ensino-aprendizagem e nas boas relações humanísticas.

Segundo Abramovay (2015, p. 15), as ameaças têm impactos negativos indiretos sobre o processo de ensino-aprendizagem e comprometem “o desempenho profissional dos professores e a relação do aluno com a escola. As faltas constantes, a desconcentração e o nervosismo podem indicar que alguma coisa está errada com o aluno ou com algum adulto”. Isto significa que a ocorrência de violência dentro de sala de aula pode comprometer ou mudar o comportamento do educando, prejudicando-o nos seus estudos, e, além disso, o professor muitas vezes também é afetado.

O fator afetivo e dialético serve de referência para que o professor trabalhe a constituição do próprio sujeito de forma significativa, como os valores e o caráter, de forma que de acordo com Paulo Freire (1970, p. 23), a “afetividade e dialogicidade só são significativas se estiverem entrelaçadas no processo de ensino-aprendizagem e envolverem todos os sujeitos, educadores e educandos, numa relação de reciprocidade”. O diálogo é base essencial do ser humano como um ser social que se comunica e participa da sociedade.

Logo, o estudo sobre a violência no contexto escolar é de extrema importância, pois conforme Giordani (2017, p. 104), “a violência escolar é objeto de preocupação social crescente que tem assumido um caráter sistemático e que provoca efeitos no desenvolvimento das vítimas e nos agressores”. Nesse sentido, a violência é algo que realmente pode acarretar

mudanças negativas nas relações entre os próprios discentes e professor-aluno, prejudicando, muitas vezes, a forma de ensino-aprendizagem significativa do aluno.

METODOLOGIA

O trabalho proposto consistiu no levantamento de literaturas baseadas em artigos e livros que ajudaram a nortear a pesquisa de campo, pois segundo Lakatos e Marconi (2010, p. 169) “é aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema, para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese, que se queira comprovar”. Inegavelmente por meio deste trabalho pretendeu-se investigar a problemática em questão, para assim, obter um resultado.

A pesquisa de campo proposta adotou o estudo de caso. E conforme Gil (2010, p. 37), aborda que o estudo de caso “[...] é uma estratégia de pesquisa que busca examinar um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto”. Isso, porque este é um estudo profundo e exaustivo, mas que permite amplo e detalhado conhecimento de determinado objeto.

E sob o ponto de vista da forma de abordagem do problema, utilizamos a pesquisa quanti-qualitativa, que conforme Figueiredo (2008, p. 97) é “o método que associa análise estatística à investigação dos significados das relações humanas, privilegiando a melhor compreensão do tema a ser estudado, facilitando assim a interpretação dos dados obtidos”. Nesse caso, traz a inclusão entre o indivíduo e o mundo em que vive capaz de explicar os fatos concretos.

Referente aos métodos de abordagem, utilizamos o método indutivo. Com base em Lakatos e Marconi (2010, p. 68), a “indução é um processo mental por intermédio do qual, partindo de dados particulares, suficientemente constatados, infere-se uma verdade geral ou universal, não contida nas partes examinadas”. Inegavelmente o método indutivo é um processo que permite descrever os detalhes de determinado fenômeno.

Ainda, convém salientar a observação participante, que para Prestes (2019, p. 35) é aquela em que o “pesquisador participa da situação que está estudando, sem que os demais elementos envolvidos percebam a posição dele, que se incorpora a grupo ou comunidade pesquisados, de modo natural”. Então, além de presenciar o fato, consistiu também em estar participando dele, para recolher as ações dos atores em seu contexto natural.

Utilizamos ainda, questionário, o qual, de acordo com Chizzotti (2010, p. 55) “consiste em um conjunto de questões pré-elaboradas, [...] com o objetivo de suscitar dos informantes respostas por escrito ou verbalmente sobre assunto que os informantes saibam

opinar ou informar”. A partir do questionário obtivemos informações dos investigados sobre o assunto da pesquisa, dando opiniões conforme seu entendimento, experiências, realidades.

Com isto, todas as técnicas foram relevantes para a realização deste trabalho, sendo que para alcançar os objetivos propostos, desenvolvemos alguns procedimentos metodológicos que ocorreram durante a execução do trabalho de campo.

Mas antes de aplicar o projeto, apresentamos à escola um documento intitulado Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) que explicava o motivo deste trabalho naquele local, e nossa permissão para a realização do trabalho de campo na escola.

Desta forma, em sala de aula, no primeiro momento, desenvolvemos as seguintes atividades: o processo de observação participante através de uma oficina em que apresentamos e discutimos o conceito das diferenças entre violência verbal e não verbal, os diferentes tipos de violências ocorridas no mundo. Também trabalhamos textos sobre o *Bullying* como uma metodologia reflexiva e composta por atividades, favorecendo uma melhor visão do assunto apresentado e ao mesmo tempo proporcionando uma aula de Língua Portuguesa voltada para o ensino, na intenção de promover aprendizagens significativas e/ou transformadoras. Esta observação participante se realizou durante quatro horas de aula com o objetivo de perceber as ações, comportamentos dos alunos uns com os outros e entre sua professora presencial.

Isto significa que, na segunda etapa, após todo o procedimento das aulas desenvolvidas, realizamos a seguinte técnica, bem como o questionário composto por perguntas abertas e de múltipla escolha (fechadas).

Neste sentido, tivemos como público alvo os (as) 40 alunos (as) e a professora de Língua Portuguesa da turma do 8º ano do Ensino Fundamental, mas a amostra foi constituída por 08 alunos (as) e 01 professora, que contribuíram respondendo o questionário de grande utilidade para a análise dos resultados. Assim, foi possível identificar que a violência é o objeto e a professora e os (as) alunos (as) envolvidos são os sujeitos desta pesquisa.

Deste modo, o campo de estudo, foi uma Escola Estadual, que se encontra localizada no município de Tefé-Amazonas. É um local amplo, de livre acesso, propício para a realização deste trabalho de campo. E a partir desta pesquisa, foi possível conhecer melhor o ambiente e esclarecer as dúvidas acerca da problemática.

Sendo assim, os dados recolhidos foram analisados e categorizados e os sujeitos permanecerão no anonimato como aluno 01, 02, 03 e, assim, consecutivamente e a professora aparecerá com o seguinte código, professora 01 e suas respostas codificadas. Essa

organização ajudará na compreensão dos resultados e resguardará os dados dos informantes em respeito ao sigilo ético no campo das ciências humanas.

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS DO QUESTIONÁRIO

Nesta etapa do trabalho, apresentamos a análise e discussão dos dados coletados na pesquisa de campo, cujos protagonistas foram 08 estudantes do 8º ano do Ensino Fundamental do turno vespertino e 01 professora formada na área de Língua Portuguesa.

5.1 QUESTIONÁRIO DIRECIONADO AOS ESTUDANTES

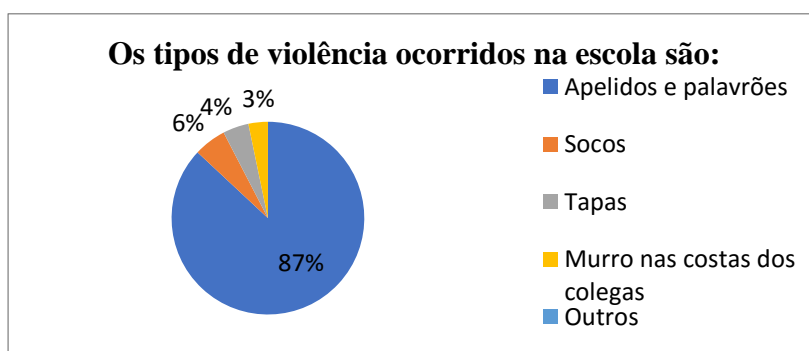
A princípio, expomos as perguntas e respostas dos oito estudantes que se prontificaram em responder o questionário misto, a saber:

Assim, fizemos a primeira pergunta aos alunos: **Você sabe o que significa violência verbal e não verbal? Justifique.** Observamos que os estudantes sabem distinguir a diferença entre violência verbal e não verbal. Tanto os estudantes 01, 02, 03 e 04, quanto os 05, 06, 07 e 08 argumentaram que a violência verbal se dá através das palavras chulas, mal intencionadas, e a não verbal é cometida grosseiramente de forma física, podendo machucar seriamente.

Neste sentido, vale ressaltar que a violência verbal é um “comportamento agressivo, caracterizado por palavras danosas que tem a intenção de ridicularizar, humilhar, manipular ou ameaçar. Já a violência não verbal é praticada sob a base de espancamento, chutes, etc.” (ARAÚJO, 2007, p. 04). Isto significa que ambas são extremamente perigosas.

Em seguida, inquiremos a segunda pergunta aos oito alunos sobre quais são os tipos de violência ocorridos na escola no ano de 2019. O gráfico abaixo representa a segunda pergunta do questionário proposto.

Gráfico 01: 2ª Pergunta do questionário aos alunos do 8º ano do Ensino Fundamental.



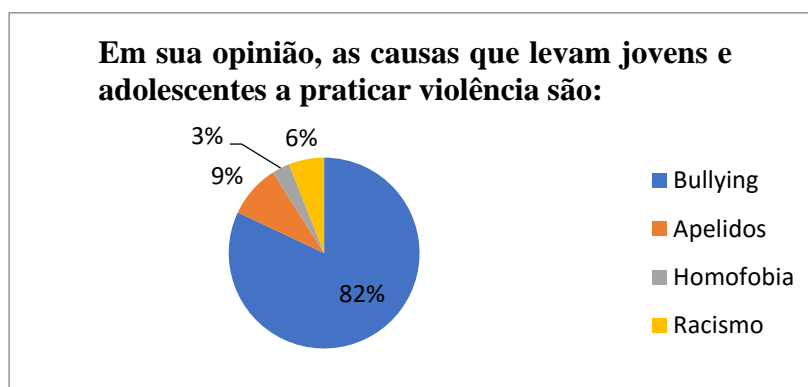
Fonte: Dados da pesquisa (estudantes do 8º ano do Ensino Fundamental)

Podemos analisar que 87% dos alunos pronunciaram que na escola há a ocorrência de apelidos e palavrões, sendo um resultado extremamente negativo. E 6% afirmaram que ocorrem socos, de forma que mais 4% disseram que acontecem tapas, e para finalizar, 3% abordaram que sucedem murros nas costas dos colegas.

Isto significa que houve um grande índice de desrespeito e falta de valores entre os estudantes, pois “as escolas devem ser consideradas como um lugar propício para o desenvolvimento intelectual e para a formação da personalidade dos alunos” (LIBÂNEO, 2012, p. 22). Esses tipos de violência são prejudiciais ao ensino-aprendizagem, fazendo com que muitos dos estudantes tenham um baixo rendimento escolar e uma má convivência na escola.

A seguir, fizemos a terceira pergunta aos referidos estudantes em relação às causas que levam os jovens e adolescentes a praticar a violência. O gráfico 02 exibirá o presente resultado.

Gráfico 02: 3ª Pergunta do questionário aos alunos do 8º ano do Ensino Fundamental.



Fonte: Dados da pesquisa (estudantes do 8º ano do Ensino Fundamental)

Compreende-se que as causas que levam jovens e adolescentes a praticar violência são muitas, dentre elas é o *bullying* com 82%; os apelidos com 9%; a homofobia com 3% e o racismo com 6%. Todos os alunos responderam conforme a opinião e vivência deles na escola. Assim, podemos dizer que muitas vezes atos de violência só gera violência. E isto é algo preocupante que não deveria acontecer, por isso, “quando um menino tem condutas racistas, preconceituosas, homofóbicas, se a família achar que isso faz parte, ele vai dar sequência nessa direção” (CORTELLA, 2017, p. 92). Inegavelmente os adolescentes precisam entender que o seu próximo não é um objeto, e que suas atitudes negativas podem machucá-lo.

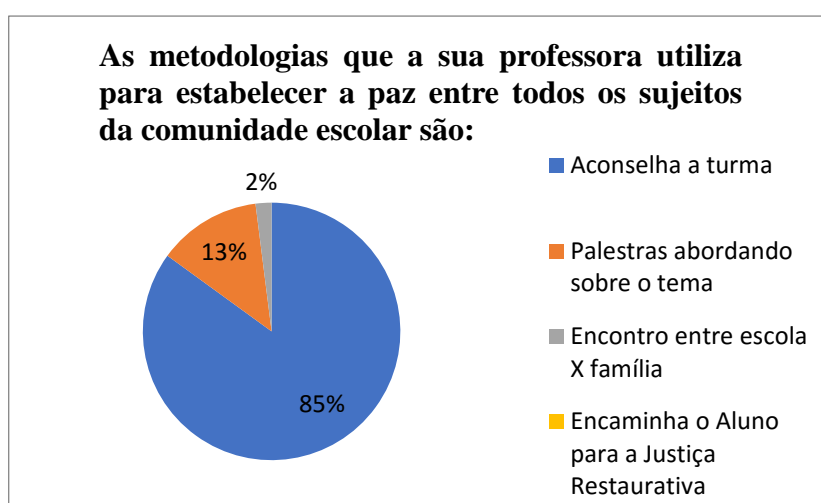
Após, realizamos a quarta pergunta aos alunos: **Como a violência interfere em seu processo de ensino-aprendizagem?** Notamos que, os estudantes se veem atingidos por esse fenômeno, e sem exceção, todos responderam que a violência traz uma consequência nos seus estudos e convívio.

Os educandos 01, 05, 06 e 07 declararam que as manifestações de violência atrapalham a atenção deles em relação aos estudos, e isso os causa aflição pelo fato de mexer com psicológico de forma negativa. E ainda, proporciona prejuízos maiores quando os estudantes 02, 03, 04 e 08 dizem que esta traumatiza e oprime, acarretando muitas vezes a desistência deles no que refere à escola, sem falar que muitos se sentem um objeto, não tendo assim, uma boa relação com os colegas.

Neste caso, Araújo (2007, p. 22) declara que “se a criança gosta do ambiente, se é bem tratada, respeitada, a instituição escolar pode se tornar alvo de projetos afetivos positivos e um valor para ela. Essa criança terá o desejo de voltar à escola todos os dias”. Deste modo, a escola deveria ser um espaço de laços de amizade e respeito por ambos os sujeitos, porém, determinadas práticas inconvenientes acabam influenciando na relação dialética dos indivíduos e na aprendizagem.

Assim, efetivamos a quinta pergunta aos discentes, alusiva às metodologias, que a professora regente utiliza para estabelecer a paz entre todos os sujeitos da escola. Desta forma, as respostas serão mostradas mediante o gráfico abaixo.

Gráfico 03: 5ª Pergunta do questionário aos alunos do 8º ano do Ensino Fundamental.



Fonte: Dados da pesquisa (estudantes do 8º ano do Ensino Fundamental)

Referente a esta pergunta, destacamos que 85% dos estudantes afirmaram que a professora aconselha a turma com o intuito de manter um bom convívio no ambiente de sala de aula e na escola, visto que 13% disseram haver palestras como estratégias de alerta e incentivo para a prática de boas atitudes, e ainda, apenas 2% abordaram que ocorre encontro entre escola e família.

Contudo, na verdade, “os educadores defrontam-se diariamente com decisões que precisam ser tomadas, orientações a serem dadas, não podendo contentar-se apenas em fazer a crítica da situação” (LIBÂNEO, 2012, p. 16). Assim, apesar das dificuldades e desafios, desejamos que os professores, em parceria com toda a escola, possam sempre encontrar um caminho viável para construir laços de amizade e respeito entre os educandos, e principalmente, com investimento de políticas públicas na educação.

5.2 QUESTIONÁRIO À PROFESSORA

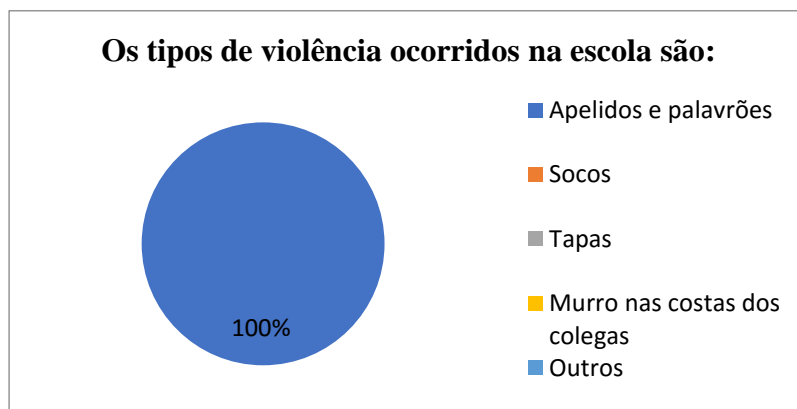
A princípio, também foram feitas perguntas à professora do 8º ano do Ensino Fundamental, a qual foi nomeada por professora 01. Assim, apresentaremos a análise conforme as respostas concedidas por ela.

Desse modo, fizemos a primeira pergunta à professora 01: **O que significa violência verbal e não verbal? Justifique.** “*Violência verbal é ofender, agredir em palavras o seu próximo. E não verbal é espancar, deixar marcas em uma pessoa*”. A professora ressaltou que violência verbal é machucar com palavras, e a não verbal manifesta-se fisicamente. Conforme Abramovay (2015) é possível constatar que estes tipos de violências são entendidas como microviolências, aquelas consideradas verbais, e “violência dura” ou macroviolência, caracterizada como a mais grave por deixar marcas em um indivíduo.

Em vista disso, é importante que os pais e/ou responsáveis orientem os seus filhos para que esse fenômeno não passe a existir na vida deles, de forma que “o pai e a mãe podem se meter na vida do filho. E devem se meter. O que não pode é serem opressivos, violentos, cruéis. Mas acompanhá-lo é uma tarefa ética” (CORTELLA, 2017, p. 97). Isto significa que, com a educação recebida de casa, os jovens e adolescentes podem ter a oportunidade de fazer esta mudança positiva.

Em seguida, realizamos a segunda pergunta, destinada à professora sobre aos tipos de violência ocorridos na escola no ano de 2019. O gráfico abaixo apresentará o resultado conforme a resposta dela.

Gráfico 04: Segunda pergunta do questionário à professora.



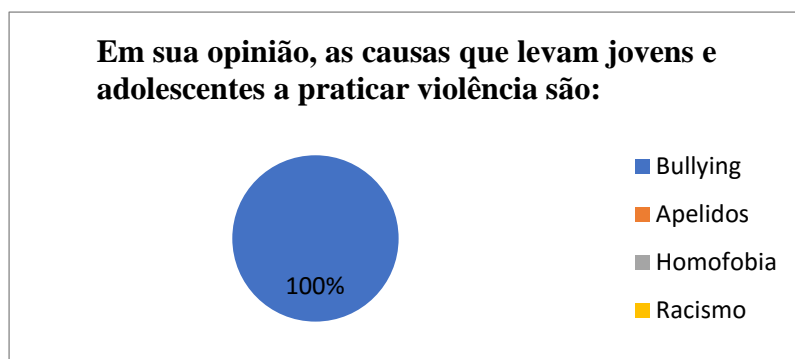
Fonte: Dados da pesquisa (docente do 8º ano do Ensino Fundamental)

Podemos observar que, segundo a professora, os tipos de violência ocorridos na escola são os apelidos e palavrões, destacados por ela com 100%. Isto possibilita dizer que há um grande índice de violência verbal na escola, o que nos causa inquietação, pois algo precisaria ser feito para que esse resultado se invertesse.

Assim, uma geração que se forma de modo indisciplinado não terá um comportamento saudável no convívio com o outro, por isso, “a criança e o jovem precisam entender que existem limites, e que limites são fronteiras, não barreiras. Fronteira é o indicativo de até onde se pode ir. Barreira é aquilo que impede o avanço” (CORTELLA, 2017, p. 36). Nesse caso, para evitar estes tipos de violência, a disciplina se faz necessária justamente para não deixar a criança solta, mas para ela ter mais responsabilidades.

Nesse viés, foi realizada a terceira pergunta, com o intuito de sabermos, a visão da professora 01, em relação às causas que levam jovens e adolescentes a praticarem violência. Analisemos conforme o gráfico abaixo.

Gráfico 05: Terceira pergunta do questionário à professora



Fonte: Dados da pesquisa (docente do 8º ano do Ensino Fundamental)

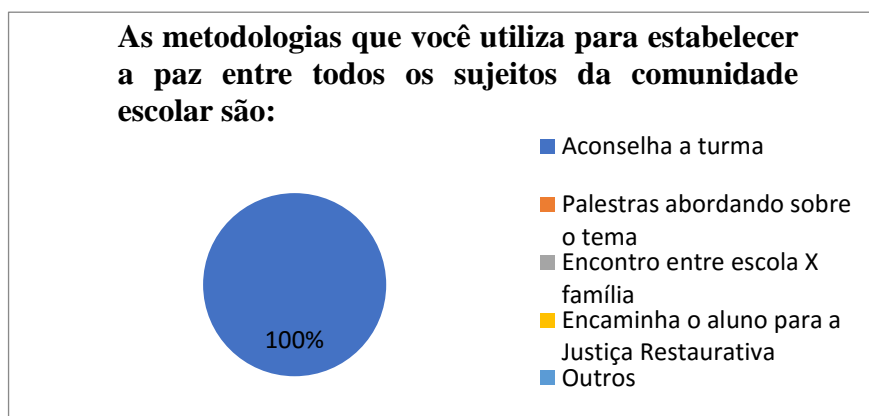
Evidentemente o *Bullying* foi apontado com 100% como a maior causa que leva jovens e adolescentes a praticar violência, e também por ser uma ameaça ao ensino-aprendizagem e convivência deles com outros estudantes na escola. Inegavelmente, segundo Cortella (2017, p. 86), “a ofensa ganha uma dimensão que extrapola as fronteiras daquele grupo e pode produzir impactos na autoimagem da criança e na capacidade de se relacionar com outras pessoas”. A prática do *bullying* é uma ofensa que pode gerar desentendimentos, fazendo com que os indivíduos sejam prejudicados pela falta de respeito de alguns colegas.

Logo após, fizemos a quarta pergunta à professora: **Como a violência interfere no processo de ensino-aprendizagem do aluno?** “*A partir do momento em que ele invade a privacidade do outro, tanto física quanto verbal*”. Deste modo, sabemos que o ensino-aprendizagem é importante para o desenvolvimento do aluno como um ser social e cidadão de autonomia, porém, segundo a resposta da professora, essa aprendizagem pode ser interrompida quando o sujeito interfere na vida do outro de forma negativa.

Assim, consideramos esse um dos problemas mais complicados e frequentes no cotidiano escolar. Muitas vezes trata-se de uma brincadeira de mau gosto, mas que acaba machucando o outro. Todavia, no terceiro parágrafo do artigo 32 da LDB (2018, p. 23), é visto a importância do “desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores”. Então, se essa aprendizagem é interferida, pode resultar prejuízos ao estudante.

Depois, partimos para a quinta pergunta relacionada às metodologias que a professora 01 utiliza para estabelecer a paz entre todos os sujeitos da comunidade escolar, a qual corresponde abaixo.

Gráfico 06: Quinta pergunta do questionário à professora.



Fonte: Dados da pesquisa (docente do 8º ano do Ensino Fundamental)

É possível perceber que, dos meios metodológicos apresentados, foi apontado com 100% pela professora a alternativa de aconselhar a turma como forma de manter a paz entre todos os indivíduos no ambiente escolar. Neste sentido, conforme a LDB (2018, p. 43), “examinar os problemas da educação infantil, do ensino fundamental, da educação especial e do ensino médio e tecnológico é oferecer sugestões para sua solução”. Então, todo profissional docente precisa estar acompanhando o desenvolvimento do seu aluno, para que assim, possa conhecê-lo melhor e se for preciso, encontrar uma forma de ajudá-lo.

DISCUSSÃO SOBRE A OFICINA REALIZADA NA ESCOLA

O tema A violência como fator que interfere no ensino-aprendizagem é bem complexo, por esse motivo foi escolhido pela necessidade de promover conscientização aos jovens e adolescentes, quanto aos seus comportamentos na escola.

Desta forma, para que pudéssemos proporcionar reflexão acerca da violência, foi pensada numa oficina, a qual se realizou no período de 21/11/ a 22/11/2019, totalizando quatro aulas. Isto significa que, com a permissão da instituição escolar e da professora presencial, as aulas realizaram-se na turma do 8º ano do Ensino Fundamental por serem maiores e porque pediríamos dos alunos que produzissem um texto dissertativo sobre a temática.

Assim, ao adentrar em sala de aula, saudamos os alunos, e logo houve a sondagem dos conhecimentos prévios deles, visando adentrar no assunto com a exposição de um vídeo intitulado *Bullying* e violência na escola, que tratava da história de um jovem que sofria *bullying* na escola, porém, era despercebido por todos, e isso gerou mortes, pois certo dia, o jovem ameaçado, cansado das ofensas, retornou armado para a escola, tirando a vida de alguns colegas. O vídeo causou um momento de conversação, de forma que os estudantes interagiram contando casos que aconteceram com eles ou até mesmo com seus colegas.

Logo após, distribuimos um texto abordando sobre o conceito e várias formas de violência, e, além disso, também houve leitura e discussão do texto intitulado Cuide das suas atitudes, para reflexão acerca dos múltiplos aspectos relacionados à violência. Através desses textos, os alunos participaram da aula e perceberam o quanto as nossas palavras e atitudes podem causar no outro quando são mal intencionadas. Deste modo, a partir das explicações e discussões, aplicamos uma atividade de produção textual a respeito do tema, e à medida que surgiam dúvidas, eram orientados.

Com isso, depois de todo este processo de leitura e correção dos textos, foram entregues à turma os questionários compostos por perguntas abertas e fechadas, de maneira que todos responderam por livre e espontânea vontade. Ao analisarmos os questionários, notamos depoimentos importantes sobre a violência, e nesse caso, a escola deveria rever suas atividades pedagógicas e incrementar ao seu programa de ensino, a educação acerca da violência com tema transversal. Portanto, esta observação participante foi um pouco desafiadora no início, pois lidar com 40 alunos ao mesmo tempo não é fácil, todavia, foi gratificante e enriquecedora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através desta pesquisa de campo, conhecemos a complexidade e importância do tema acerca da violência no contexto escolar. Isto significa que o assunto nos trouxe conhecimentos nítidos de que a educação de hoje, tanto na família quanto na escola, não é mais a mesma de dez anos, pois as leis mudaram, a sociedade evoluiu, a tecnologia ganhou espaço no âmbito escolar e, o papel de discentes e docentes, também ganhou outra configuração. Por isso essa realidade ratificou a relevância de se investigar sobre a temática proposta, pois, inegavelmente, o ensino-aprendizagem é vertente da Educação ligada a quem ensina e a quem aprende e, também, aos contextos em que as partes estão inseridas.

Em razão disso, dentro da escola, o referido assunto pode ser trabalhado como tema transversal no Ensino Fundamental, pois traz questões sociais que possibilitarão a construção da democracia, respeito e cidadania, além de está ligado à ética, incentivando a participação e a interação com discussões com o objetivo de propor soluções, para conviver de forma segura e respeitosa. Então, a transversalidade possibilita levar a realidade para a sala de aula, e promover a compreensão dos educandos no espaço em que estão inseridos.

Portanto, sugerimos que a escola possa inserir este tema pesquisado em seus conteúdos, como tema transversal e através de parcerias e de palestras, inclusive, por meio do poder público para que tome iniciativas e diminua esse tipo de postura dentro da escola. Tudo isso, será importante para que possamos reverter essa situação de jovens e adolescentes indisciplinados na sala de aula, e assim, eles possam assumir uma mudança comportamental mais adequada ao contexto e não sejam prejudicados em sua aprendizagem.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, Miriam. *Violências nas escolas*. Brasília: UNESCO, Coordenação DST/AIDS do Ministério da Saúde, Secretaria de Estado dos Direitos Humanos do Ministério da Justiça, CNPq, 2015.
- ACÚRCIO, Marina Rodrigues Borges. *Questões urgentes na educação*. Porto Alegre/Belo Horizonte: Artmed/Rede Pitágoras, 2002.
- ARAÚJO, Ulisses F. *Educação e valores: pontos e contrapontos*. 2. ed. São Paulo: Summus, 2007.
- BLAYA, Catherine; DEBARBIEUX, Eric. *Violência nas Escolas e Políticas Públicas*. Brasília: UNESCO, 2019.
- CHIZZOTTI, Antônio. *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- CORTELLA, Mario Sergio. *Família: urgências e turbulências*. São Paulo: Cortez, 2017.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Ed./ 1970.
- FIGUEIREDO, Nébia Maria Almeida de. *Método e metodologia na pesquisa científica*. 3. ed. São Caetano do Sul, SP: Yendis Editora, 2008.
- GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- GIORDANI, Jaqueline Portella. *Violência escolar: percepções de alunos e professores de uma escola pública*. Psicologia Escolar e Educacional, SP. Janeiro/Abril de 2017.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Maria de Andrade. *Fundamentos de metodologia científica*. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- LIBÂNEO, José Carlos. *Educação escolar: políticas, estrutura e organização*. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2012.
- LDB: Lei de diretrizes e bases da educação nacional*. 2. ed. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2018.
- PCN's – Parâmetros Curriculares Nacionais. Bases Legais*, 2000.
- PIMENTA, Selma Garrido. *Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- PRESTES, Maria Luci de Mesquita. *A pesquisa e a construção do conhecimento científico: do planejamento aos textos, da escola à academia*. 6. ed. São Paulo: Rêspel, 2019.
- SAVIANI, Dermeval. *Pedagogia histórico-crítica e luta de classes na educação escolar*. Campinas, SP: Autores Associados, 2012.